

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA
GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

CAMILA CRISTINA DE OLIVEIRA LOPES

A CONSCIÊNCIA NA PERSPECTIVA DE ANTÔNIO
DAMÁSIO: *SELF* E SUBJETIVIDADE

Uberlândia, Minas Gerais
Dezembro de 2019

CAMILA CRISTINA DE OLIVEIRA LOPES

A CONSCIÊNCIA NA PERSPECTIVA DE ANTÔNIO DAMÁSIO: *SELF* E SUBJETIVIDADE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Instituto de Filosofia da Universidade Federal de
Uberlândia (IFILO/UFU) como requisito parcial à
obtenção de título de Bacharel em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia das Neurociências
e Filosofia da Mente

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Ferreira Almada

Uberlândia, Minas Gerais
Dezembro de 2019

Lopes, Camila Cristina de Oliveira.

A Consciência na Perspectiva de Antônio Damásio: *Self* e Subjetividade. / Camila Cristina de Oliveira Lopes. Uberlândia, Minas Gerais: UFU, 02 de dezembro de 2019.

45 f.: 29,7 cm.

Monografia apresentada à Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia. Orientador: Leonardo Ferreira Almada

1. Filosofia das Neurociências. 2. Filosofia da Mente. 3. Filosofia Contemporânea

Camila Cristina de Oliveira Lopes

A Consciência nas Perspectivas de Antônio Damásio: *Self* e Subjetividade

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (IFILO/UFU) como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Filosofia.

Área de Concentração: Filosofia das Neurociências e Filosofia da Mente

Uberlândia, 02 de dezembro de 2019

Banca Examinadora

Prof. Dr. Leonardo Ferreira Almada – IFILO/UFU
(Presidente da Banca, Orientador)

Prof. Dr. Fernando Martins Mendonça – IFILO/UFU
(Arguidor)

Agradecimentos

Tenho duas pessoas em especial para agradecer. Meus pais: Neuza Martins de Oliveira e Carlucio Cândido Lopes. Sem eles eu não teria conseguido chegar até aqui. Obrigada pelo apoio em todos os momentos da minha vida e principalmente nessa etapa que eu acabo de concluir. Vocês dois foram e são muito importantes em minha vida e eu os amo demais, daqui até a eternidade. Posteriormente, gostaria de agradecer aos meus mestres, em especial ao Prof. Dr. Leonardo Ferreira Almada, pela paciência e incentivo, pelas orientações e auxílio durante a conclusão desse sonho.

A partir de agora se inicia uma nova etapa da minha vida e eu estou muito grata a todos aqueles que, de uma forma ou de outra contribuíram para que esse sonho se tornasse realidade.

Gratidão! Essa é a palavra que descreve o meu sentimento nesse momento.

Obrigada a todos, por tudo!

RESUMO

LOPES, Camila Cristina de Oliveira Lopes. A Consciência nas Perspectivas de Antônio Damásio: *Self* e Subjetividade. Uberlândia, 2019. Monografia (Graduação em Filosofia) – Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

Estudiosos como Antônio Damásio e filósofos como Espinosa, Chalmers e Searle têm direcionado suas pesquisas a uma busca efetiva da compreensão dos termos relacionados à mente, ao corpo, à consciência, ao *self*, à interação do organismo com o ambiente e a qual o impacto que esses processos causam em nossa vida como um todo. Na esteira dessa tradição, temos a intenção, nesse Trabalho de Conclusão de Curso, de proceder a um estudo sobre o tema da consciência, e mais especificamente das relações entre o *self* e a subjetividade. Esse é o esforço de uma reflexão filosófica sobre um problema que, de uma forma ou de outra, tem sido discutido desde que o homem se tornou um ser pensante. Para tanto, dividimos o nosso trabalho em 2 capítulos, nomeadamente (1) A importância do estudo da consciência para a evolução biológica e cultural da humanidade e (2) Uma mente alicerçada pelo corpo-propriadamente-dito e as propostas de novas perspectivas acerca da consciência.

Palavras-chave: consciência; *self*; mente; corpo; subjetividade, vida.

ABSTRACT

LOPES, Camila Cristina de Oliveira Lopes. Consciousness in the perspective of Antonio Damasio: Self and Subjectivity. Uberlândia, 2019. Monograph (Graduation in Philosophy) – Graduation in Philosophy, Federal University of Uberlandia, Uberlandia, 2019.

Scholars such as Antonio Damasio and philosophers like Espinosa, Chalmers and Searle have directed their research to an effective search for the understanding of the terms related to mind, body, consciousness, self, the interaction of organism with the environment and what impact these processes have. cause in our life. In the wake of this tradition, we intend, in this Course Conclusion Work, to make a study on the theme of consciousness, and more specifically the relationships between self and subjectivity. This is the effort of a philosophical reflection on a problem that has in one way or another been discussed since man became a thinking being. To this end, we have divided our work into two chapters, namely (1) The importance of the study of consciousness for the biological and cultural evolution of humanity and (2) A mind grounded by the body itself and the proposals of new perspectives on the consciousness.

Keywords: consciousness; *self*; mind; body; subjectivity, life.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
 CAPÍTULO 1: A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA CONSCIÊNCIA PARA A EVOLUÇÃO BIOLÓGICA E CULTURAL DA HUMANIDADE	3
1.1 A CONSCIÊNCIA, OS ESTÁGIOS DO <i>SELF</i> E A INTERAÇÃO DO ORGANISMO COM O AMBIENTE.....	9
1.2 ANÁLISE FEITA A PARTIR DA PERSPECTIVA DE DAMÁSIO EM SUA CRÍTICA A VISÃO DUALISTA DE DESCARTES	16
 CAPÍTULO 2: UMA MENTE ALICERÇADA PELO CORPO-PROPRIAMENTE-DITO E AS PROPOSTAS DE NOVAS PERSPECTIVAS ACERCA DA CONSCIÊNCIA.....	21
2.1 O PROBLEMA DAS RELAÇÕES MENTE-CORPO	21
2.2 REGULAÇÃO E MANUTENÇÃO DA VIDA	25
2.3 MUDANÇAS NO COMPORTAMENTO HUMANO CAUSADAS POR LESÕES CEREBRAIS.....	28
2.4 UMA NOVA PROPOSTA TEÓRICA	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

INTRODUÇÃO

As discussões sobre consciência permanecem vivas até os dias atuais, e não existe uma previsão se em algum momento da história esse debate chegará ao fim. É um tema que tem perpassado gerações e continua trazendo enigmas que aguçam todos os estudiosos que se dedicam às investigações sobre a consciência, seja na filosofia, nas neurociências, nas ciências biológicas e de engenharia em geral etc. São incessantes os métodos de análises e pesquisas, mas o que se tem apresentado não é uma definição do que seja a consciência, até mesmo por ser um tema de tamanha complexidade. Nossa intenção, ao longo deste Trabalho de Conclusão de Curso, é apresentar em linhas muito gerais alguns aspectos desse fenômeno na perspectiva de Antônio Damásio em duas de suas obras, *E o cérebro criou o homem* e *O erro de Descartes*. Adicionalmente, buscaremos estabelecer relações entre Damásio, John Searle e David Chalmers.

Damásio faz uso de alguns critérios para a explicação da consciência em seus diversos níveis, e esses critérios poderão ser observados no decorrer deste trabalho, assim como o *self* em seus ulteriores estágios, uma vez que *self* e mente são aspectos necessários para a existência da consciência. O *self* pode ser descrito sob diversas perspectivas, o que pode tornar a sua compreensão um tanto difícil. Assim como a construção de uma mente consciente passa por um processo muito complexo de eliminação e adição de mecanismos cerebrais ao longo de milhões de anos de evolução biológica. Nota-se a importância do *self* para a organização e orientação da mente para as necessidades homeostáticas do organismo, inclusive para a sua sobrevivência: o *self* ‘orquestra’ a mente consciente do homem.

Na abordagem que Damásio faz sobre a mente, no que se refere à explicação do erro de Descartes, sustenta que seria impossível existir um pensamento que precedesse um corpo: ou seja, sem corpo não há mente. As transformações que ocorrem em nosso organismo estão registradas tanto no cérebro como no corpo-propriadamente-dito; sendo assim, não há uma ruptura entre eles, mas uma interação constante. Mesmo essa interação por vezes sendo menosprezada, basta uma tentativa de separar as nossas ações mais triviais como tato, olfato, paladar etc. para percebermos que essas ações estão em conjunto com o cérebro. A nosso ver, o que a perspectiva de Damásio aponta é que corpo e cérebro são um mesmo organismo situado no ambiente e interagindo com ele.

O erro de Descartes foi, então, o de tentar fazer essa separação entre a mente, coisa pensante, do corpo, suposta coisa não pensante. Não se pode afirmar a existência de um *eu* pensante sem a existência prévia desse *eu*. E se houvesse a possibilidade de uma separação da mente em relação ao corpo, seria mais fácil examinar essa mente fora de um corpo, sem a necessidade de fazermos uso de qualquer outra especialidade como a neurociência e as outras interdisciplinaridades que se dedicam à sua investigação. É importante salientar que esse equívoco dualista tem afetado e muito algumas áreas da medicina como a psicologia, por exemplo.

Esperamos que nossas reflexões possam oferecer a possibilidade de um novo direcionamento para as discussões sobre o tema.

CAPITULO I

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA CONSCIÊNCIA PARA A EVOLUÇÃO BIOLÓGICA E CULTURAL DA HUMANIDADE

A consciência, na perspectiva de Damásio (2010, p. 11), é uma faculdade da nossa mente, um *self* capaz de controlar tanto o mundo interior quanto tudo aquilo que está em seu entorno, pronto para entrar em atividade a qualquer momento. Consciência não se trata de estar meramente acordado, mas de ter a possibilidade de reconhecer-se a si mesmo como sendo EU, proprietário de uma mente repleta de conteúdos independentemente de sua ordenação, conteúdos ligados a mim por fios invisíveis agrupados no *self*. Contudo, Damásio (2010, p. 11) fala de uma espécie de vigília, um estado da consciência que ocorre quando estamos dormindo, ou seja, a consciência não cessa completamente quando dormimos, apenas permanece em um estado de vigília. Sem a consciência, ou seja, sem uma mente provida de subjetividade, não seria possível saber que existimos quanto mais saber quem somos nós ou o que pensamos. Graças à subjetividade, o raciocínio e a memória se expandiram prodigiosamente, assim como a evolução da linguagem, o florescimento da criatividade, e as demais habilidades que nós possuímos e aprimoramos ao longo do tempo. Nossa afetividade também está atrelada à subjetividade, isto é, ao nosso comportamento diante da sociedade. Sem o surgimento da subjetividade nada faria sentido: não teríamos conhecimento, e sequer teríamos história.

Com a ausência da consciência não nos damos conta da nossa existência ou que existem outras coisas no mundo externo. A consciência acompanhou a evolução e se expandiu para uma versão humana, e com isso a humanidade se desenvolveu ao longo dos séculos.

Fazer uma reflexão acerca da consciência causa perplexidade não apenas para o senso comum, mas também para todos os estudiosos que se dedicam ao estudo da consciência, sendo cientistas ou não. Durante todo esse trajeto, várias questões surgem, como por exemplo, “do que ela é feita? ”. A resposta de Damásio a essa pergunta é que a consciência é a mente com algo mais: para o filósofo (DAMÁSIO, 2010, p. 12), não podemos estar conscientes sem possuir uma mente. Porém sua resposta abre ainda mais o leque de questionamentos, pois há de se querer saber de onde vem a mente, se vem do ar ou do corpo: por exemplo, alguns estudiosos dizem que a mente vem do cérebro, mas essa afirmação é pouco satisfatória e recai sob um discurso cerebralista. Todavia, o nosso percurso sobre este tema é longo e bastante complexo, as dúvidas surgem a todo momento, mas dentro da perspectiva de Damásio, veremos que essa engrenagem misteriosa, apesar de todas as dificuldades no seu entendimento não é um mistério

insolúvel. Há uma possibilidade sim de compreendermos como um organismo vivo munido de um cérebro obtém uma mente consciente (DAMÁSIO, 2010, p. 12).

É necessário tomar cuidado quando nos dispomos a estudar um tema tão complexo como esse, e um deles é o erro de tentar dar à mente consciente uma resposta definitiva. Damásio usa a expressão “campo minado” no que se refere à terminologia e à perspectiva de outros estudiosos, visto que, com a expansão do estudo sobre a mente consciente, também surgem contribuições incompletas e provisórias. Dessa forma, devemos nos atentar à investigação minuciosa dessas questões e usar essas fracas evidências disponíveis para gerar especulações que possam ser colocadas à prova. Damásio (2010, p. 13), na obra *E o cérebro criou o homem*, tem como objetivo fazer uma reflexão sobre tais especulações e discutir sobre as variadas hipóteses e também como se dá a estruturação do cérebro humano e como deve ser seu funcionamento para que a mente consciente se manifeste.

Damásio faz referência ao *self* em toda a sua obra. Para o neurocientista, o *self* não se trata de uma coisa, mas de um processo, e este processo está presente em todos os momentos em que estamos conscientes (DAMÁSIO, 2010, p. 14). Este processo do *self* aparece sob duas óticas: (i) a do observador que contempla o objeto dinâmico, tais como certos funcionamentos da mente, características de postura e história de vida; (ii) a do *self* como conhecedor, o processo que enfatiza nossas vivências e nos possibilita uma reflexão sobre essa experiência de vida. Essa noção dualista do *self* representa seus dois estágios de evolução, tendo como originário do *self*-objeto, e o *self*-conhecedor. Em nosso cotidiano cada uma dessas duas noções corresponde a um nível de atividade da mente consciente (DAMÁSIO, 2010, p. 14).

No que se refere ao *self*-objeto, Damásio (2010, p.15) afirma que se trata de um conjunto dinâmico de processos neurais que se integram, situado na representação do corpo vivo, que se depara com uma coleção dinâmica de processos mentais integrados. Já o *self*-sujeito – conhecedor –, o próprio “eu” é mais complexo, uma presença mais difícil de se obter uma definição, com pouca coesão em termos mentais ou biológicos. Diferentemente do *self*-objeto, sua presença é dispersa, dissipada no fluxo da consciência, por vezes presente e outrora ausente de uma maneira sutil. No entanto, o *self*-conhecedor muito contribuiu para a evolução biológica. Pode-se afirmar que o *self*-conhecedor está para o *self*-objeto assim como processos neurais para os processos mentais. Ambos estão atrelados: não existe uma separação entre o *self*-conhecedor e o *self*-objeto: trata-se de uma relação de continuidade e progressão. O *self*-conhecedor está alicerçado no *self*-objeto (DAMÁSIO, 2010, p. 15).

Para Damásio (2010, p. 15), a consciência não se trata apenas de imagens na mente, mas é o processo que organiza os conteúdos mentais, e está situada no centro do organismo que cria

e fomenta tais conteúdos. Porém, a consciência é mais do que uma mente organizada e influenciada por um organismo vivo em atividade. É uma mente que tem a noção de que esse organismo vivo é atuante e existe. Está evidente que Damásio parte de uma perspectiva monista quando faz uso do termo (organismo): ou seja, os processos mentais e neurais ocorrem no organismo, assim como se refere a consciência como sendo um processo mental e não algo separado do corpo. Estar consciente é ver a capacidade do cérebro de produzir padrões neurais capazes de mapear em forma de imagens aquilo que experienciamos, bem como instruir essas imagens. Para que a mente não permaneça inconsciente é preciso que seja inserido um processo suplementar. O cérebro se torna consciente quando acrescido de uma nova propriedade conhecida como subjetividade, e uma característica que define essa subjetividade é o sentimento que impregna as imagens que nós vivenciamos subjetivamente (DAMÁSIO, 2010, p. 15).

A consciência não surge a partir da produção de imagens ou pela criação das bases da mente. Para que haja o surgimento da consciência é necessário que as imagens se tornem propriedades do organismo singular. A obtenção de uma mente consciente depende da criação de um conhecedor, e, quando esse conhecedor é inserido na mente, ocorre a denominada subjetividade (DAMÁSIO, 2010, p. 15).

Uma mente que não é possuidora de um *self* protagonista não deixa de ser uma mente; no entanto, para conhecermos a mente, necessitamos da presença de um *self*, pois ele é o único meio natural para isso. É complicado imaginar qual a natureza de um processo mental sem a dependência de um *self*, mesmo que, sob uma perspectiva evolucionária, saibamos que existem processos mentais simples que precederam os processos do *self*. O *self* continua sua evolução principalmente no nível cultural e com a probabilidade de avançar para o nível biológico, uma evolução que nos permite avançar sobre as interpretações da nossa existência e do mundo que nos circunda (DAMÁSIO, 2010, p. 17).

O *self* ainda passa por modificações em suas camadas superiores, pois constantemente é atingido por diversas influências sociais e culturais, e pelo vasto conhecimento científico sobre o próprio funcionamento da mente e do cérebro. As demasiadas informações recorrentes em nosso cotidiano atingem o *self*, como por exemplo as mídias, as tecnologias, o cinema etc (DAMÁSIO, 2010, p. 17). Segundo Damásio (2010, p. 17), a revolução digital é uma dessas questões atuais cujo impacto no *self* humano está apenas começando a ser avaliado. Contudo, nesse primeiro momento, o *self* é visto como porta de entrada para o conhecimento. Cabe a nós o dever de depositar nossa confiança nesse processo mental; porém, as informações concedidas pelo *self* devem ser postas à prova, sobretudo quanto à sua própria natureza. O *self* nos dá a

possibilidade de obter um raciocínio e uma observação científica, e, por conseguinte, a razão e a ciência têm a tarefa de corrigir as intuições enganosas fornecidas pelo *self* desassistido (DAMÁSIO, 2010, p. 17).

Damásio (2010, p. 17) nos diz que, dependendo da maneira em que a mente é vista por nós, podemos recair sob uma perspectiva dualista, ou seja, na tese de que existe uma mente separada do organismo ao qual ela pertence. Isso se dá pelo fato de termos a impressão de que a mente não possui uma natureza física, e de que seus fenômenos pareçam oriundos de outra categoria. Todavia, dizer que a mente não tem uma extensão física é o mesmo que atribuí-la às limitações de um *self* desassistido (DAMÁSIO, 2010, p. 18).

Com o surgimento da consciência, um novo modo de vida mais proveitoso foi instaurado, e a obtenção do entendimento dessa consciência se tornou mais possível. E como afirma Damásio (2010, p. 28), além de sabermos quem nós somos, temos a oportunidade de explorar aquilo que ainda vamos ser. A mente humana consciente demarcou um novo curso para a evolução, nos proporcionando escolhas e a possibilidade de uma estruturação sociocultural um tanto flexível. Graças à consciência, conseguimos aumentar a nossa adaptação e ter a oportunidade de formular novas soluções para os dilemas e manutenção da vida em qualquer ambiente: parte do planeta, em grandes alturas, no espaço sideral, submersos na água, em desertos e montanhas. Nós evoluímos, inventamos máquinas capazes de nos impulsionar até a estratosfera, além de muitas outras, como navios, submarinos, etc. Criamos condições materiais para sobrevivermos onde quisermos. São essas façanhas que nos diferenciam dos demais seres vivos. Com o engendramento da mente consciente, passamos por uma mudança radical. Isto é, passamos da mera busca pela sobrevivência do organismo para uma regulação mais deliberada, que se baseia numa mente dotada de identidade e subjetividade, que busca além da sobrevivência, um amplo bem-estar (DAMÁSIO, 2010, p. 40).

O cérebro humano tem a capacidade de reproduzir os aspectos de estruturas de coisas e eventos não pertencentes a ele, como as ações que o nosso organismo executa e seus componentes, como os membros, por exemplo. O cérebro humano faz uma espécie de mapeamento complexo e difícil de ser explicado, não se tratando de uma mera cópia do seu exterior para o seu interior. No entanto, Damásio (2010, p. 51) afirma que os mapas cerebrais não são estáticos, eles mudam o tempo todo para refletir as mudanças que ocorrem nos neurônios e lhes fornecem informações; essas mudanças, por sua vez, são refletidas também em nosso organismo e no mundo externo. Tais mudanças nos mostram que estamos em constante movimento. Somos submetidos a todos os tipos de representações internas e externas, por esse motivo nosso corpo muda de acordo com as diferentes emoções, e, com isso, novos

sentimentos vão surgindo. Todo o ambiente em que o cérebro é submetido muda de modo espontâneo ou de acordo com nossas ações.

Esse mapeamento não corresponde somente ao padrão visual, mas a todo tipo de padrão sensorial desenvolvido no cérebro. O modelo de mapeamento se aplica aos padrões correspondentes a estrutura do corpo, ou seja, um membro e seus respectivos movimentos (uma erupção da pele por causa de queimaduras, ou quando sentimos algum objeto em nossas mãos, identificando sua textura e formato). Contudo, os variados tipos de imagens são disponíveis diretamente, porém apenas para aquele possuidor da mente em que essas imagens ocorrem; elas são privadas e não estão disponíveis para que sejam analisadas por terceiros. Cabe a estes somente uma rele suposição (DAMÁSIO, 2010, p. 53).

Damásio (2010) nos diz que o processo mental detém uma corrente ininterrupta de imagens correspondentes a episódios que ocorrem fora do cérebro, assim como reconstrói aquelas imagens que estão contidas na memória numa espécie de resgate. Essas imagens contidas na mente se relacionam entre si de um modo lógico, tanto os fatos ocorridos no exterior do cérebro quanto as memórias que podem ser resgatadas de tempos em tempos, ou seja, de acordo com a necessidade de cada indivíduo. Em suma, as imagens se fundamentam de acordo com as mudanças que ocorrem com o corpo e cérebro em sua interação com objetos exteriores. Assim, sinais são emitidos do corpo para a criação de padrões neurais que fazem o mapeamento da relação do organismo com o objeto externo. Esses padrões neurais são constituídos nas demasiadas áreas sensoriais e motoras do cérebro, que comumente recebem sinais provenientes de áreas inerentes ao corpo.

Sem dúvida, o processo de mapeamento que ocorre no cérebro descrito por Damásio (2010) é uma peculiaridade funcional distintiva de um sistema voltado para o controle e regulação da vida. O propósito da criação de mapas é garantir que possamos identificar a presença ou mostrar a localização de um objeto no espaço ou qual será o seu trajeto. Podemos identificar também os perigos que nos circundam ou as oportunidades que devemos aproveitar, e aquelas que devemos descartar. Além disso, esses múltiplos mapas nos possibilitam resgatar, de nossas memórias, imagens que nos tornam capazes de planejar e criar respostas ainda mais eficazes (DAMÁSIO, 2010, p. 54).

O problema das relações entre mente e corpo precedeu o problema central surgido nos estudos da mente e do cérebro, o problema da consciência. Esse debate perpassou, de alguma forma, o pensamento de filósofos e cientistas como Descartes e Espinosa, perdurando até os dias atuais. Damásio (2010) tem uma posição em relação a esse problema da consciência, que é a capacidade que o cérebro tem de criar mapas, sendo esse argumento uma das soluções para

a compreensão e resolução do problema. Ainda que o corpo seja o objeto de mapeamento do cérebro, ele nunca perde o contato com o mesmo. Estão ligados desde o nascimento até a morte, desde que estejam em condições normais. Todavia, seja qual for a teoria que não considera esses eventos está predestinada ao fracasso (DAMÁSIO, 2010, p. 65).

Para que as informações exteriores consigam entrar no cérebro, é necessário que haja um mediador entre ambos, e esse mediador é o nosso corpo-propriadamente-dito, ou seja, uma superfície que recebe as representações externas e as transmite para o cérebro. Essas interações do corpo com o ambiente circundante são, por sua vez, mapeadas no cérebro, e a mente obtém o conhecimento do mundo exterior por intermédio do cérebro, assim como as informações só podem chegar ao cérebro através do corpo-propriadamente-dito, pelos sentidos. Assim, o indivíduo, como ser-no-mundo, sofre todas as representações exteriores a ele, num processo de abstração de conhecimentos pré-existentes de objetos do mundo (DAMÁSIO, 2010, p. 66).

Com o mapeamento do cérebro, há o surgimento de um componente primordial daquilo que será o *self*. E esse mapeamento do corpo é a solução para explicar o problema da consciência. Para Damásio (2010), o mapeamento corporal tanto estrutura o processo de *self* como as representações exteriores ao organismo. O mundo interior abre caminho para que possamos conhecer as coisas mundanas. O corpo vivo ocupa o um lugar central e o que mantém a regulação de nossas vidas é a necessidade e a motivação. O mapeamento corpóreo é o processo capacitador, um mecanismo que converte a regulação básica da vida numa regulação intermediada pela mente e, desse modo, na regulação pela mente consciente (DAMÁSIO, 2010, p. 75).

Essas ínfimas conexões entre corpo e cérebro são essenciais em nossas vidas, acerca das reações espontâneas do corpo, como os sentimentos e as emoções. Sendo assim, para que haja uma compreensão sobre a mente consciente é necessário entender como o mapeamento dos estados corporais se transformam em sensações físicas. Não é provável de se obter uma explicação da subjetividade sem antes conhecer a origem dos sentimentos e sem ter conhecimento sobre os sentimentos primordiais, como os reflexos espontâneos, por exemplo. São esses sentimentos primordiais que dão origem a todos os outros tipos de sentimentos (DAMÁSIO, 2010, p. 71).

Por fim, os processos de *self* foram e ainda são essenciais para a regulação e manutenção da vida. Posteriormente, com a evolução, níveis mais complexos de *self* foram surgindo e começaram a gerar a subjetividade na mente com qualificação para a consciência. Contudo, novos conhecimentos foram adquiridos sobre os organismos individuais e o ambiente, assim como novos instrumentos culturais foram instaurados. Com isso, a consciência, em seu estrito

termo, surgiu após a categorização desses conhecimentos. Portanto, o processo de evolução continua cada dia mais acelerado, enriquecido e com o aparo do autoconhecimento. Com a revolução digital e a globalização das informações culturais, a mente e o *self* estarão sempre submetidos a modificações estruturais dos próprios processo cerebrais que os moldam (DAMÁSIO, 2010, p. 121).

1.1 A consciência, os estágios do *self*, e a interação do organismo com o ambiente.

Antônio Damásio vai explicitar em sua obra *E o Cérebro Criou o Homem* que a consciência é um estado mental que possibilita aos seres vivos o conhecimento sobre sua existência e sobre o mundo em que estamos inseridos, o ambiente, ou seja, o conhecimento daquilo que está ao seu redor para uma melhor adaptação (DAMÁSIO, 2010, p. 105). A esse estado mental foi atribuída a noção de *self*, termo que, *grosso modo* é entendido como si mesmo, mas que, no entanto, não possui uma tradução definitiva. Há também um outro aspecto importante nesse estado mental, a saber, a subjetividade vivenciada na perspectiva exclusivamente de primeira pessoa, impossibilitando assim o acesso por terceiros: aquilo que o indivíduo experiência pertence a ele mesmo, ou seja, só ele tem acesso às suas experiências. Segundo Damásio (2010), estados mentais conscientes só são possíveis quando estamos acordados, mas existe uma exceção parcial a essa que é a forma paradoxal de consciência que ocorre no sono quando sonhamos. Sendo assim, a forma elementar de consciência é um estado mental que ocorre quando estamos acordados e temos conhecimento privado da nossa própria existência em conformidade com o ambiente. Os estados mentais conscientes fazem uso dos diversos materiais sensitivos visão, audição etc. (DAMÁSIO, 2010, p. 105).

Segundo Damásio (2010), algumas pessoas usam o termo (mente) para se referir à consciência, o que para ele é um equívoco. E esse uso errôneo do termo é utilizado também por demasiados estudiosos contemporâneos que tratam a consciência como mente.

Consciência e vigília, na visão de Damásio (2010), não são a mesma coisa: estar acordado é uma condição prévia para a consciência elementar. Sendo assim, quando a pessoa está dormindo, a consciência em seu formato elementar desaparece, mas estar dormindo não faz com que a consciência cesse ou zere. Quando acendemos as luzes, algo se revela, e isso é denominado como conteúdos mentais ou mente, e essa mente é feita por padrões mapeados nas expressões de todos os sentidos com incríveis tonalidades, matizes, variações e combinações, surgindo de modo organizado ou desconexo formando imagens. As imagens são a principal forma circulante da nossa mente, termo que se refere a todos os modos de sentidos, não só o visual ou os padrões abstratos e concretos (DAMÁSIO, 2010, p. 107).

Damásio (2010) rapidamente explicita três momentos que são indispensáveis para o aspecto da consciência, o primeiro deles (i) é que devemos estar acordados; (ii) posteriormente que tenhamos uma mente em funcionamento e; (iii) que esteja presente o sentido de *self* automático, espontâneo, pois a noção de si é uma característica distintiva da consciência, mas não uma noção qualquer e sim uma noção *sentida* de si (DAMÁSIO, 2010, p. 107).

No que se entende sobre o estado vegetativo nos parece que há uma ausência da consciência, pois certos pacientes não apresentam nenhum estímulo às perguntas realizadas a eles, nem a noção daquilo que os cerca ou de si mesmos. O estudo realizado por Adrian Owen: “conseguiu determinar, usando imagens de ressonância magnética funcional, que o cérebro de uma mulher em estado vegetativo apresentava padrões de atividade congruentes com as perguntas e pedidos que um examinador lhe fazia. Nem é preciso dizer que essa paciente fora diagnosticada como inconsciente. Ela não respondia abertamente às perguntas feitas nem às orientações dadas, e não fornecia espontaneamente nenhum indício de uma mente ativa. No entanto, seu exame de ressonância magnética funcional mostrou que as regiões auditivas de seus córtices cerebrais tornavam-se ativas quando lhe faziam perguntas. O padrão de ativação era semelhante ao que se pode ver em um sujeito normal consciente quando ele responde a uma pergunta comparável. Ainda mais impressionante é o fato de que, quando foi pedido à paciente que se imaginasse andando por sua casa, seus córtices cerebrais mostraram um padrão de atividade do tipo que podemos encontrar em sujeitos normais conscientes quando executam tarefa semelhante. Embora a paciente não revelasse exatamente esse mesmo padrão em outras ocasiões, desde então foram estudados alguns outros pacientes nos quais se encontrou um padrão comparável, embora não em todas as tentativas. Um desses pacientes, em especial, foi capaz de evocar respostas previamente associadas a *sim* ou *não* depois de passar por um treinamento ” (DAMÁSIO, 2010, p. 108). Esse estudo conseguiu identificar que, em alguns pacientes em estado vegetativo, possa haver sinais de atividade cerebral que se correlaciona a processos mentais, ou seja, uma preservação de vigília da mente, mas não uma consciência ativa. Isso é uma evidência de que processos mentais operam em estado não-consciente e que possa existir até mesmo um *self* em grau mínimo (DAMÁSIO, 2010, p. 108).

Há uma possibilidade de existir, por um breve período, a ausência de *self* no indivíduo: talvez uma dissociação entre vigília e mente de um lado e o *self* do outro, sucedido de um problema neurológico denominado automatismo, seguido de certas crises epiléticas. Quando isso acomete um indivíduo, gera-se uma interrupção em seu comportamento por um determinado período e, ao retomar seu comportamento, ele apresenta uma consciência fora da normalidade. Este paciente pode apresentar ações como o caminhar pela sala, pegar um copo

de água, acenar etc., porém não demonstra um propósito geral, mas algo como um “mini propósito”. Quando vamos ao médico temos objetivos específicos e o diagnóstico terá uma importante influência nos planos de vida que fazemos. No entanto, quando há uma diminuição de consciência, todo esse contexto se reduz a pouco ou nada. Em dada situação, o paciente pode mostrar sinais de uma atenção parcial, pois ele consegue executar algumas ações. Sendo assim existe uma presença física, mas o paciente não está em posse de ‘sua pessoa’ naquele momento, ou seja, há uma ausência de *self*, processo que Damásio vai denominar de “ausente sem ter partido”. De fato, havia naquele paciente uma inadequação: ele produzia ações, mas não de forma organizada; não tinha noção das condições de sua situação, e ainda assim o cérebro estava formando imagens em demasia, o que possibilitava a esse paciente estender a mão para pegar uma xícara de café e levá-la até a boca. Por esse motivo, pode haver indícios da presença de uma mente, mas não de um *self*, pois o paciente perde a percepção de quem ele é, de quem está a sua frente e de algo ao seu redor. Não se pode tratar o *self* como uma coisa, mas como um processo dinâmico que se mantém em níveis estáveis durante boa parte das horas que passamos acordados (DAMÁSIO, 2010, p. 110). A vigília também é um processo mental, no caso do paciente que se encontra em um estado de ausência do *self*, pode-se afirmar que ele estaria em estado de vigília pois havia processos mentais, mas não uma consciência normal (DAMÁSIO, 2010, p. 110).

A consciência é a soma do *self* à mente que instrui conteúdos mentais para as nossas necessidades e com isso produz a subjetividade. Emoções são indícios reveladores da existência de uma consciência, pois o comportamento dos outros, ou seja, seu estado mental consciente, engloba sinais de reações emocionais em andamento e são comportamentos que muito nos enganam, pois não sabemos se de fato aquela pessoa está sentindo o que aparentemente ela apresenta em suas expressões faciais e comportamentais, sua expressão emocional pode nos trair. Logo, sinais de emoção fazem parte do estado consciente que pode ser observado externamente. É uma parte vital e profunda da consciência as experiências de sentimentos corporais numa perspectiva introspectiva do indivíduo (DAMÁSIO, 2010, p. 111-112).

A escala de intensidade é um dos critérios para explicar a consciência em seus ulteriores níveis. Há uma variação nessa intensidade, que vai de entorpecimento a vivacidade. Não somente a intensidade, mas a abrangência também é um critério para se explicar a consciência, já que tal critério permite que o indivíduo possua em seu grau mínimo de abrangência o sentimento de si, como por exemplo estar comendo algo que ele mesmo não sabe a procedência ou quais efeitos aquela comida trará ao seu organismo, e isso faz com que a pessoa esteja presente naquele momento e mais nada. Além disso, em outra situação, quando o indivíduo tem

que resolver algum problema que envolva seus familiares, ele está presente num determinado lugar, mas ao mesmo tempo vai se transportando para outros lugares, com outras pessoas e situações que ainda não vivenciou. Isso se dá pelo produto da nossa rica e informada imaginação, pois somos capazes de recordar fatos da nossa vida, e, nesse momento de experiência, ter acesso, na imaginação, ao que ainda possa vir a acontecer em nossa vida numa transição entre passado e futuro. Porém, seu sentimento de si nunca se perde. Esses conteúdos estão ligados a uma referência singular, e, mesmo passando por algum acontecimento remoto, essa ligação permanece, ou seja, a centralidade se mantém. Esse nível de consciência de grande abrangência é uma das grandiosas realizações do cérebro humano e uma das características que definem a humanidade segundo Damásio (2010).

Damásio (2010) vai chamar a abrangência mínima de *consciência central*, um sentimento do presente que gira em torno de um *self* central. A essa grande abrangência ele denomina *consciência ampliada ou autobiografia*, pois esse critério se manifesta quando fatos de nossa vida estão acontecendo no presente, assim como passado e futuro também dominam a ação. Essa grande abrangência é comandada pelo *self* autobiográfico, que nos dá uma pessoalidade e uma identidade enquanto que na abrangência mínima não possui uma pessoalidade e nem mesmo uma identidade. Para Damásio (2010), quando se pensa em consciência temos em mente uma consciência mais abrangente, um *self* autobiográfico, uma mente consciente que se amplia e engloba sem muito esforço o que é real e imaginário. Para que o cérebro possua conteúdos mentais conscientes há de se levar em conta esses dois níveis de consciência tanto o elevado quanto o central (DAMÁSIO, 2010, 111-112).

Para Damásio (2010), a abrangência é volátil, sobe e desce e pode ocorrer uma rapidez nessa oscilação num mesmo evento, mas essa rapidez não interfere na mudança de intensidade que ocorre ao longo do dia. O que têm maior relevância é que os níveis de consciência flutuam durante uma situação e nem sempre há a necessidade da ativação do *self* autobiográfico, como por exemplo, quando estamos lendo um livro e nos distraímos com alguma outra situação recorrente; mas, se alguém faz questionamentos sobre nossa carreira profissional, existe a necessidade de ativar o *self* autobiográfico. Caso contrário, seria um desperdício da capacidade de processamento cerebral.

A presença do *self* em nossa mente varia muito a depender das circunstâncias e, mesmo em um grau mais sutil, o *self* é uma presença necessária na mente. Em alguns casos, o *self* não está em primeiro plano e às vezes dá lugar a outras coisas, outras ideias. No entanto, se houvesse uma total ausência de *self*, a mente se veria desorientada, reduzindo sua eficácia no mundo real,

como se estivéssemos inconscientes. Dependendo da perspectiva, o *self* pode ser muitas coisas, o que explica a dificuldade de lidarmos com ele (DAMÁSIO, 2010, p. 113-114).

Conforme Damásio (2010), a construção de uma mente consciente se dá por um processo muito complexo, que é o resultado da eliminação e adição de mecanismos cerebrais ao longo de milhões de anos de evolução biológica. Ele apresenta duas hipóteses para essa construção: a primeira é que o cérebro constrói a consciência gerando um processo de *self* numa mente em estado de vigília. A segunda hipótese é que o *self* é construído em estágios. O estágio mais simples é o *protosself*, e se origina na parte do cérebro que representa o organismo: sua função é reunir imagens que vão descrever aspectos estáveis do corpo e gerar os sentimentos primordiais do corpo vivo. O segundo estágio é o estabelecimento de uma relação do organismo e a parte do cérebro que terá a representação do objeto a ser conhecido. Isso vai resultar o *self central*. Já o terceiro estágio permite que múltiplos objetos registrados como experiência vivida ou futuro prévio se relacione com o *protosself* e produzam pulsos de *self* central em abundância. O resultado é o *self autobiográfico* (DAMÁSIO, 2010, p. 120).

De acordo com Damásio (2010), os processos de *self* só começaram a acontecer quando a mente e a vigília se estabeleceram como operações cerebrais. Sem os processos de *self* seria impossível organizar e orientar a mente para as necessidades homeostáticas dos organismos; trata-se de uma questão de sobrevivência. Sendo assim, os processos de *self* perduraram na evolução favorecidos pela seleção natural, mesmo que, em seu estágio inicial, esse processo de *self* não tivesse um nível de consciência em sentido amplo do termo, limitando-se ao *protosself*. Na sua evolução, foram surgindo níveis mais complexos de *self*, a começar pelo *self central*, gerando assim uma subjetividade na mente. Com essa subjetividade foram surgindo as complexidades para obter conhecimentos sobre os organismos individuais e seu ambiente. A consciência surgiu em seu termo pleno assim que esses conhecimentos foram categorizados, simbolizados pela linguagem e operados pela imaginação e raciocínio. Com isso, surgiram outros níveis de processamento consciente. É importante a ressalva de que a descoberta desses níveis de *self* não cessou a existência de uma mente ou que esses níveis de *self* chegaram ao limite de sua evolução. Ao contrário, essa evolução continua até os dias atuais e não tem previsão de fim. As pressões revolucionárias da era digital tendem a impulsionar modificações estruturais de mente e *self*, modificações que acontecem nos próprios processos mentais que modelam a mente e o *self* (DAMÁSIO, 2010, p. 121).

Damásio (2010) afirma que a neurociência da consciência é frequentemente estudada na perspectiva da mente e não do *self*. Entretanto, priorizar o estudo do *self* condiz com a razão pela qual a mente consciente prevaleceu na evolução, pois a consciência otimizou a regulação

da vida. O *self* é uma espécie de guardião do valor biológico, o primeiro representante regulador dos mecanismos da vida de cada indivíduo. A mente consciente do homem é orquestrada e motivada pelo *self* (DAMÁSIO, 2010, p. 121).

A autobiografia é feita através de recordações pessoais, é a soma daquilo que experienciamos tanto no presente quanto nos planos que fazemos para o futuro. O *self* autobiográfico é uma autobiografia consciente que se baseia em todas as nossas vivências, em nossa história memorizada, seja ela recente ou remota, em todos os laços afetivos ou não afetivos que fizemos, em tudo aquilo que gostaríamos de ter feito, e até aquelas memórias de experiências emocionais e espirituais. Enquanto que o *self* central permanece constantemente em funcionamento (*online*), o *self* autobiográfico tem uma vida dupla, pode se manifestar e produzir uma mente consciente em toda sua grandiosidade e humanidade, assim como pode se ocultar com seus infinitos componentes e aguardar sua vez de entrar em atividade (DAMÁSIO, 2010, p. 139).

Na perspectiva de Damásio (2010), há um amadurecimento desse *self* autobiográfico nesse momento em que ele permanece longe da consciência acessível, pois existe uma sedimentação gradual e uma reelaboração da memória. Quando as experiências são reconstruídas, seja na reflexão consciente ou inconsciente, sua substância é modificada e rearranjada, seja em grau mínimo ou máximo no que diz respeito a composição do fato ou do acompanhamento emocional, e esses eventos adquirem novos pesos emocionais. Algumas recordações são cortadas da mente, outras são restauradas e outras são tão ajustadas por nossas necessidades que podem até formular situações nunca vivenciadas. E assim, com o passar dos anos nossa história vai sorrateiramente sendo reescrita (DAMÁSIO, 2010, p. 139). Por esse motivo, fatos podem adquirir relevância e a música contida em nossa memória do passado tocar diferente em comparação com os dias atuais. Esse trabalho de construção e reconstrução na perspectiva da neurologia ocorre grande parte no processamento não-consciente: pode ocorrer nos sonhos embora emerja na consciência na maioria das vezes. Em determinadas situações, o número de episódios evocados pode ser demasiadamente grande, ou seja, uma inundação de memórias impregnadas com as emoções e sentimentos que as acompanham originalmente. Se houver uma limitação de episódios, ainda assim haverá uma complexidade nas memórias envolvidas que estruturam o *self*, em grande escala (DAMÁSIO, 2010, p. 139).

Damásio vai descrever estratégias para a construção do *self autobiográfico*. Em primeiro lugar, ele diz que tem de se fazer um agrupamento do conjunto substancial das memórias biográficas definidoras, de um modo que cada um seja tratado como objeto individual. Cada um desses objetos poderá modificar o *protossself* e produzir seu pulso de *self central*. A segunda

estratégia apresentada por ele é que o cérebro necessita de mecanismos que vão coordenar a evocação de memórias para transmiti-las ao *protosself* para a interação requerida, mantendo um padrão coerente em relação aos objetos causadores (DAMÁSIO, 2010, p. 140).

A complexidade na construção de um *self autobiográfico* se dá pelo fato de que é preciso um maquinário neural para a obtenção de múltiplos pulsos de *self central* num curto espaço de tempo para um número significativo de componentes que exige que os resultados sejam mantidos juntos. Portanto, para a construção do *self autobiográfico* exige-se mecanismos coordenadores em nível de elaboração altíssimo, algo que geralmente o *self central* dispensa. E as estruturas para construção do *self autobiográfico* são todas aquelas requeridas para o *self central*, tálamo e córtex cerebral juntamente com os mecanismos de coordenação segundo Damásio (2010). Porém, no presente texto, não abordaremos com profundidade sobre os mecanismos de coordenação, pois este projeto tem a pretensão de abordar outros temas.

1.2 Análise feita dentro da perspectiva de Damásio em sua crítica à visão dualista de Descartes

Em seu livro *O Erro de Descartes*, especificamente em uma análise no capítulo 10, *O cérebro de um corpo com mente*, Damasio (1996, p. 254) salienta que o corpo proporciona uma referência fundamental para a mente, ou seja, sem corpo não há mente. Os aspectos neurais e químicos do cérebro alteram o funcionamento dos nossos órgãos e tecidos: os sinais de todas essas transformações que ocorrem em nosso organismo durante uma situação de perigo por exemplo, são retransmitidos ao cérebro ou por vias químicas pela corrente sanguínea modificando o estado do corpo a cada segundo, o que afeta o sistema nervoso central e químico em vários locais. Sendo assim, essas alterações se registram tanto no cérebro como no corpo: nota-se que não há uma ruptura entre eles, mas uma conexão, uma interação constante entre cérebro e corpo. No entanto, apesar dessa complexa interação, cérebro e corpo continuam sendo concebidos como separados em sua estrutura e função (DAMÁSIO, 1996, p. 255).

Para o neurologista (DAMÁSIO, 1996, p. 256), a ideia de que o corpo e o cérebro estão em interação um com o outro ao mesmo tempo no ambiente ainda é por vezes menosprezada, mas basta a tentativa de separar nossas ações mais triviais como ouvir, cheirar, tocar, ver e saborear, para percebermos que essas ações do nosso organismo estão em conjunto com o cérebro e não existe a possibilidade de separá-los. Parece-nos que essa teoria de que cérebro e corpo é um mesmo organismo inserido no ambiente e em interação com ele é plausível na perspectiva de Damásio, uma vez que seja impossível uma ruptura, pois um interage com o outro para seu pleno funcionamento. Logo, a visão dualista cartesiana de que mente e corpo são duas coisas em separado torna-se empobrecida, perde sua força e inteligibilidade (DAMÁSIO, 1996, p. 255).

Quando realizamos uma ação de observar uma paisagem, por exemplo, nessa visão há muito mais aspectos envolvidos do que somente a visão e os córtices visuais do cérebro. A córnea é passiva, mas o cristalino e a íris não só deixam passar a luz, mas ajustam suas dimensões e formam uma resposta em relação àquela cena. O globo ocular detém vários músculos para se posicionar de uma maneira que irá detectar com toda eficácia possível os objetos, assim como a cabeça e o tronco se deslocam para uma melhor posição. Todos esses ajustes necessitam de sinais vindos do cérebro para o corpo e de sinais correspondentes do corpo para o cérebro. Dessa forma, os sinais da paisagem são processados no cérebro e quando esse conhecimento é ativado nele a partir de dispositivos de representação em diversas áreas, o resto do corpo também participa desse processo. Aquilo que foi processado pelo cérebro vai se tornar memórias, pois as vísceras vão reagir sobre aquelas imagens que estão sendo observadas.

Por fim, essa memória se tornará um registro neural, com alterações que foram sofridas no cérebro e no corpo. De fato, não há como separar corpo e cérebro, pois são um mesmo organismo situado e interagindo com o ambiente.

O corpo, segundo Damásio (1996, 2010), não é passivo, e isso, convenhamos, não é uma surpresa para nós, pois o nosso corpo está em constante movimento e interação com aquilo que nos circunda. Porém, não temos uma noção conceitual técnica como a visão de um neurocientista e neurologista como Damásio, que esmiúça os aspectos e processos que ocorrem em nosso organismo como um todo. Mas, numa visão de senso comum, é notório que o nosso corpo não é passivo, pois algo acontece aqui dentro e estamos o tempo todo em interação com o exterior, até mesmo por uma questão de sobrevivência e adaptação ao ambiente (DAMÁSIO, 1996, p. 256).

A mente emerge do organismo, da atividade nos circuitos neurais e muitos desses circuitos são configurados durante a evolução por requisitos funcionais do próprio organismo. Uma mente normal necessita que esses circuitos contenham representações básicas do organismo, monitorando seu estado em atividade. O organismo recebe estímulos do ambiente físico e sociocultural o tempo todo e os circuitos neurais representam esse organismo através desses estímulos. Pode se pensar, segundo Damásio (1996, 2010), numa mente que não necessitasse de um organismo ancorado ao corpo, mas não teríamos uma mente como essa que nós temos hoje. Não é uma afirmação de que a mente esteja no corpo, mas que o corpo muito contribui para o cérebro além da manutenção da vida. Contribui também para o funcionamento de uma mente normal (DAMÁSIO, 1996, p. 257).

O 'eu', para Damásio (1996, 2010), é um estado biológico que está em constante reconstituição, e não um pequeno homem dentro do cérebro, um homúnculo. Para que o *eu* funcione, é necessário que vários sistemas cerebrais e os sistemas do corpo estejam em pleno funcionamento. Se houvesse uma interrupção dos nervos que ligam os sinais do cérebro para o corpo, o estado desse corpo se alteraria de uma forma radical, assim como o estado da mente. Um exemplo claro de que essas alterações ocorrem pode ser observado em pacientes que sofrem lesões na medula espinhal, pois há uma interrupção entre corpo e cérebro modificando o estado de ambos. Os estímulos que vão do cérebro para o corpo contribuem para a renovação e modificação dos estados do corpo e essa troca de estímulos Damásio (2010) considera a pedra basilar no sentido de estar vivo (DAMÁSIO, 1996, p. 259). Essa análise de conexão cérebro e corpo nos dá uma nítida noção de que é um tanto estranho imaginar um cérebro sobrevivendo fora de um corpo ou que haja a possibilidade de um corpo reagir sem um cérebro que o estimule, a não ser pela hipótese de uma imitação de sinais produzidos pelo corpo e transmitidos para um

cérebro fora do corpo, só assim teríamos o formato de uma mente normal. Mas se isso fosse possível, em suma, seria a confirmação de que para o cérebro é imprescindível a presença de um corpo. Quanto à perspectiva de Damásio em relação a essas interações mútuas cérebro-corpo, nos dá a impressão de que essa visão dele é um tanto monista, pois restringe esses dois aspectos a um mesmo organismo, impossibilitando que possa ocorrer uma ruptura entre eles (DAMÁSIO, 1996, p. 259).

Esse estudo sobre o corpo acompanha a evolução, indo do simples até o mais complexo, dando ênfase aos cérebros que surgem de organismos. Num primeiro momento analisando as representações oriundas do corpo e posteriormente a sua interação com o mundo exterior, tais análises ainda são feitas em nossos dias atuais (DAMÁSIO, 1996, p. 259).

Damásio (1996, 2010) busca explicar as importantes funções que cada particularidade do nosso corpo tende a apresentar, e uma dessas fascinantes peças que compõem o nosso organismo é a pele, mas não a pele em sentido comum do termo como aquela camada sensorial voltada para o exterior que nos propicia a construção da forma, o sentir da superfície, a textura e a temperatura dos objetos externos. Ela vai muito além disso: regula nossa homeostase (DAMÁSIO, 1996, p. 257). Em sua função visceral, cabe ressaltar que a pele é a maior víscera que temos: ajuda a regular a temperatura corporal, e auxilia na regulação do nosso metabolismo ao medir as alterações dos íons. A pele é uma fronteira do corpo, pois está voltada tanto para o exterior onde o organismo tem contato com o ambiente quanto para o interior do próprio organismo (DAMÁSIO, 1996, p. 257).

As interações entre o organismo e o ambiente ocorrem através dos limites do corpo. Cada sentido específico é processado num lugar específico do limite do corpo, a visão, por exemplo, tem em seu limite, os olhos. Quando vemos algo não ficamos presos apenas à visão de tal objeto, mas é como um sentir com os olhos aquilo que estamos vendo, é o processamento do cérebro acerca da atividade desse organismo e acerca dos fatores visuais que estão estimulando a retina. Damásio refere-se a esse pormenor como uma trajetória de representação em relação ao corpo em atividade, em que o conhecimento que os organismos adquiriram foram a partir dos sentidos. Vai descrever não como tato, visão, olfato e movimento propriamente dito, mas uma *sensação do corpo* ao tocar, ver, ouvir ou se mover. Nos parece que é uma descrição do que aquela representação do objeto causa em nós através dos sentidos, que abarca o corpo como um todo, ou seja, como nosso corpo se sente quando algo do exterior está em interação com o nosso organismo através dos sentidos (DAMÁSIO, 1996, p. 263).

Na análise que faz sobre a visão dualista de Descartes sobre mente e corpo, Damásio (1996, 2010) afirma que o ato de pensar é uma atividade separada do corpo, mas tal afirmação celebra a separação da mente — a coisa não-pensante — da coisa não pensante, ou seja, do corpo-propriadamente-dito. Num certo momento da evolução, surgiu uma espécie de consciência elementar, e, com seu surgimento, apareceu a mente simples. Com a complexidade da mente, veio o ato de pensar; porém, antes do surgimento da humanidade, os seres já eram seres. Junto com a evolução da mente, obviamente vieram outras adaptações do organismo, como a comunicação pela linguagem e a organização dos pensamentos. Sendo assim, primeiro existimos e depois pensamos, e só há a possibilidade de pensarmos em virtude dessa existência, pois o pensamento é causado por estruturas e operações do ser. Percebemos através dessa perspectiva de Damásio (2010), que, de fato, não há a possibilidade de um pensamento existir antes do ser: não posso pensar na existência de mim mesmo sem antes existir (DAMÁSIO, 1996, p. 279).

O erro de Descartes está em separar a mente do corpo, em sua afirmação de que a mente (imaterial) sobreviveria fora de um corpo (material). No entanto, na consideração de Damásio (1996), se existisse a possibilidade de uma mente separada do corpo, seria bem mais fácil examiná-la, compreendê-la sem recorrer a neurobiologia, neuroanatomia, neurobiologia e neuroquímica. O modo de pensar de muitos neurologistas se baseia numa visão dualista cartesiana, visto que consideram ser possível explicar a mente apenas em termos de fenômenos cerebrais, eliminando a investigação do organismo e o ambiente. Damásio (1996, p. 281) não concorda com essa visão de alguns neurologistas, mas não desconsidera que a mente esteja relacionada com as atividades cerebrais. De fato, o que interessa aqui não é a definição de que os pensamentos se originam no cérebro, mas a razão pela qual os neurônios pensam tão bem (DAMÁSIO, 1996, p. 281).

Essa dualidade cartesiana afeta não só a investigação, assim como a prática médica, e isso tem consequências sérias principalmente na psicologia, porque as doenças reais do corpo são totalmente ignoradas ou são consideradas muito tardiamente. Além disso muitos efeitos de conflitos psicológicos que afetam diretamente o corpo são negligenciados pelos psicólogos que seguem nessa perspectiva dualista. E esse erro de Descartes muito contribuiu para vários equívocos na medicina como o abandono da abordagem orgânica da mente no corpo (DAMÁSIO, 1996, p. 282).

Algumas versões desse erro cartesiano obscurecem as raízes da mente humana. Para ter uma melhor compreensão da mente humana, é necessário adotar uma perspectiva do organismo, não só uma mente que passa do *cogitum* não-físico para o domínio biológico, mas também ser relacionada a todo o organismo que possui cérebro e corpo em interação com o ambiente físico e social. Do ponto de vista de Damásio (1996, p. 282), ‘alma’ e ‘espírito’ são estados complexos e únicos de um organismo. E enquanto seres humanos devemos nos recordar e aos outros a complexidade, fragilidade, finitude e singularidade que nos caracterizam (DAMÁSIO, 1996, p. 283).

CAPÍTULO II

UMA MENTE ALICERÇADA PELO CORPO-PROPRIAMENTE-DITO E AS PROPOSTAS DE NOVAS PERSPECTIVAS ACERCA DA CONSCIÊNCIA

2.1 O problema das relações mente-corpo

Segundo Damásio (2004), é crucial entendermos que (mente) e (consciência) não são termos sinônimos, isto é, não são uma só e mesma coisa. A consciência é um processo de nível superior da mente, e a mente não perde sua existência mesmo com a ausência da consciência. No entanto, os termos “consciência” e “mente consciente” têm de ser considerados sinônimos (DAMÁSIO, 2004, p. 105).

Neste tópico explicitaremos — a partir da perspectiva de Damásio (2004) — o problema das relações entre mente e corpo. Esse problema tende a separar a mente do restante do corpo-propriadamente-dito e do cérebro, uma concepção conhecida em filosofia como *dualismo de substância*. Essa perspectiva dualista foi sustentada por Descartes, para quem a mente e o corpo ligam-se entre si pela “glândula pineal”¹. Porém, Descartes nunca explicou com rigor como essa interação acontecia. Ao contrário, a “glândula pineal” não tem em sua estrutura algo que lhe permita realizar a tarefa que o filósofo lhe atribuíra, como sendo a única responsável por fazer a interação da mente com o corpo-propriadamente-dito.

No entanto, o ponto de vista identificado por Descartes reflete o deslumbre e o espanto que temos por nossa mente. De fato, a mente humana é extraordinária em todos os sentidos de nossas vidas; na maneira como lidamos com nossa dor e prazer, assim como lidamos com a dor e o prazer do outro; ela é extraordinária em sua capacidade de armazenar as nossas memórias; a mente humana detém uma especial habilidade de produzir conhecimentos; além desses aspectos, a mente humana possui capacidades que nos permitem realizar tantas outras coisas para nós mesmos e/ou para o todo que nos circunda, sejam seres vivos ou objetos dos mais variados tipos e para as mais variadas utilidades. Todavia, o vislumbre que abarca a mente tem outras perspectivas da relação entre mente e corpo, sendo assim, não anula os erros da perspectiva apresentada por Descartes.

Para elucidar — mesmo que parcialmente — o problema das relações entre mente e corpo, é necessário mudarmos nossa perspectiva. Damásio (1996, 2000, 2004, 2010) afirma que a mente é emergente de um corpo (cérebro) localizado dentro de outro corpo (o corpo-

¹ A “glândula pineal” é uma pequena estrutura cerebral, localizada na base do cérebro e na sua linha média e, como hoje se sabe, nada há na sua estrutura ou nas suas ligações que lhe permitam realizar a extraordinária tarefa que Descartes lhe atribuiu. P. 107.

propriamente-dito) com o qual permanece em constante interação; a mente está alicerçada pelo corpo-propriamente-dito permitindo sua evolução e regulação; a mente surge de tecidos biológicos situados em células nervosas e possui as mesmas características de outros tecidos vivos do corpo. Sendo assim, para que haja uma explicação plausível para esse problema, é necessário partimos de outras perspectivas (DAMÁSIO, 2000, 2004, 2010, p. 109).

De fato, não podemos direcionar uma maior importância para a mente em relação ao corpo, uma vez que não existe uma dicotomia entre eles. Não podemos atribuir uma função de comando à mente ou ao corpo. Mente e corpo são um só e mesmo organismo agindo de forma contínua e integrada para a manutenção e regulação da vida. E, de acordo com a perspectiva monista de Damásio (1996, 2004, 2010), mente e corpo são dimensões de um só e mesmo organismo. Essa é uma justificativa plausível: é um equívoco defender que a mente tenha uma posição de comando em relação ao corpo. Com efeito, cada vez se torna mais fraca a perspectiva dualista cartesiana de que mente e corpo são duas entidades diferentes.

O corpo funciona como uma espécie de alicerce para a mente, e a eliminação total desse corpo eliminaria o funcionamento da mente. Com a ausência de um mapeamento corporal, a mente sofreria a perda de todas as representações já estabelecidas anteriormente, assim como perderia a oportunidade de obter novos conhecimentos. Para que haja uma mente consciente em atividade, é necessário que o corpo esteja em constante interação com o ambiente. Dessa forma, uma dicotomia entre corpo e mente faz com que percamos a nossa própria noção de existência.

Para construir padrões neurais, é necessário ter como alicerce uma seleção momentânea de circuitos e neurônios que fazem a interação com o objeto (DAMÁSIO, 2004). O cérebro possui as peças necessárias para a construção dos padrões neurais, baseando-se nessas peças é possível construir qualquer tipo de objeto. Essa interação com o ambiente nos permite criar imagens de acordo com a capacidade de cada organismo (DAMÁSIO, 2004). As imagens que construímos não são imagens de um espelho, mas construções produzidas por um objeto. Na verdade, temos sensações parecidas em relação a determinados objetos, uma vez que temos organismos biológicos semelhantes que nos possibilitam a formação de imagens mentais semelhantes desses objetos. Porém, não significa atribuir essa experiência a uma imagem em espelho do referido objeto, embora essa ideia perpassasse vez ou outra em nossa mente, pois, temos a impressão de que alguns objetos são representados para nós como se fossem imagens refletidas num espelho, pela semelhança em que são representados para outros indivíduos (DAMÁSIO, 2004, p. 115).

Todavia, nossa imaginação tem a capacidade de influenciar nas atividades do corpo, como, por exemplo, em nossas atitudes, posições, movimentos e sentimentos. O mesmo se aplica à nossa capacidade de criar eventos a partir de imagens já representadas em nós, fragmentando essas imagens de apoio que vêm do corpo para retratar cada objeto com um símbolo inventado (DAMÁSIO, 2004). Esses símbolos podem representar tanto artefatos e eventos abstratos quanto artefatos e eventos concretos. Devemos ressaltar, segundo Damásio, que o cérebro está em atividade desde o início da sua vida, abastecido por um gigantesco acervo de sabedoria que corresponde à maneira como a vida deve ser organizada e como o organismo deve reagir sobre os acontecimentos externos. Isto é, o cérebro não está vazio esperando ser afetado somente pelas representações exteriores, mas traz consigo uma sabedoria inata que está previamente estabelecida e que antecede aos sinais do corpo (DAMÁSIO, 1996, 2004, p. 117).

As imagens mentais são essenciais para que o organismo consiga executar de forma rápida a integração de informação em grande escala indispensável para a sobrevivência e bem-estar. Sem o *self* e os sentimentos que o constituem, seria difícil obter uma orientação mental para a vida, assim como sua manutenção e regulação, além da qualidade dessa vida e seu bem-estar (felicidade). Enfim, para Damásio (1996, 2004) é justo conceber a mente como um fenômeno que emerge da colaboração de várias áreas diferentes do cérebro.

Segundo Damásio (2004), Espinosa estava mudando a perspectiva que herdara de Descartes. Em uma de suas obras, intitulada *Ética*, Espinosa afirma que o pensamento e a extensão, ainda que distintos, são produtos de uma mesma substância. Percebe-se que essa afirmação tem a pretensão de apresentar a mente como inseparável do corpo. Para Espinosa, mente e corpo são provenientes da mesma substância e se equivalem. Assim sendo, a mente não é oriunda do corpo e nem o corpo é produto da mente. Isto é, ambos fazem parte de um mesmo organismo, e, portanto, não há uma espécie de comando de um em relação ao outro, mente e corpo se integram e trabalham juntos para garantir a funcionalidade do organismo e sua interação com o ambiente (DAMÁSIO, 2004, p. 120).

De acordo com Damásio (2004), Espinosa afirma que os acontecimentos do corpo são descritos como ideias na mente. Existem correlações representacionais que vão numa direção já definida, do corpo para a mente. Essa correspondência ocorre por meios contidos na substância. No que se refere às afirmações de Espinosa, Damásio (2004) percebe que a mente só consegue notar a presença de um corpo exterior, quando o próprio corpo sofre modificações. Ou seja, a ideia de um objeto na mente só poderá acontecer se existir um corpo e esse corpo sofrer as modificações causadas pelo objeto em questão. Desta forma, podemos notar que, de fato, sem a existência de um corpo não há mente. No entanto, Espinosa foi cuidadoso ao

explicitar suas ideias em relação à mente e ao corpo usando uma linguagem que quase não citava o cérebro. Ainda que, conforme Damásio (2004), baseando-se em outros textos, foi possível perceber que Espinosa admitia mente e cérebro como intrinsicamente ligados (DAMÁSIO, 2004, p. 122).

Espinosa, em dado momento privilegia o corpo, e, num outro momento, dá esse crédito à mente (DAMÁSIO, 2004, p. 123). Para ele, a mente humana além de perceber as modificações que ocorrem no corpo quando afetado por um objeto, ela também obtém uma percepção das ideias que são formadas a partir dessas modificações. Por conseguinte, tanto podemos formar as ideias em relação ao objeto, como formular novas ideias a partir dessas ideias já pré-estabelecidas e assim sucessivamente. Na perspectiva espinosiana, essa formação de ideias ocorre no lado mental da substância, mas Damásio (2004) afirma que esse procedimento também pode ocorrer no interior do campo cerebral do organismo, ou seja, o mesmo argumento, mas com uma linguagem diferente. Dentro dessa perspectiva da criação de ideias a partir de outras ideias, abrimos um leque para a representação de relações e criação de símbolos, bem como, para a criação da ideia do *self* (DAMÁSIO, 2004, p. 123).

Na obra de Damásio *O mistério da consciência*, o filósofo explicita uma perspectiva parecida com a perspectiva de Espinosa apresentada acima, de que o *self* é uma ideia de segunda ordem que tem como base duas ideias de primeira ordem: (i) a do objeto cuja percepção está sendo construída; (ii) e a do nosso corpo quando sofre as modificações causadas pelo objeto. Consequentemente, a ideia da relação entre essas duas ideias primárias — o objeto percebido e o corpo modificado pela percepção —, dão origem à ideia de segunda ordem que Damásio vai denominar *self* (DAMÁSIO, 2004, p. 123).

O *self* é inserido ao fluxo de ideias da mente oferecendo a ela um conhecimento inteiramente novo que faz a interação com determinado objeto. Esse mecanismo, para Damásio (2010), é indispensável à criação da consciência. Para se obter uma mente consciente, é necessário que o fluxo das imagens que caracterizam os objetos e acontecimentos sensitivos, sejam acompanhados das imagens do *self*. Percebe-se que Damásio (2004) fica impressionado ao ver que Espinosa também teve a intuição desse processo, simples e necessário, de produzir ideias a partir de outras ideias. E essa perspectiva de Espinosa tem um papel de tamanha importância para elucidar o problema das relações mente-corpo. Primeiro porque, para Espinosa, mente e corpo são processos mutuamente ligados que representam dois aspectos da mesma coisa (DAMÁSIO, 2004, p. 124). E, segundo, que, por trás desses eventos paralelos, existe um mecanismo que possibilita representar os acontecimentos do corpo na mente; e que,

apesar de se igualarem, há uma certa disparidade nos mecanismos que se ocultam por trás desses eventos (DAMÁSIO, 2004, p. 124).

2.2 Regulação e manutenção da vida

A consciência e a memória dos seres humanos se diferenciam da consciência e memória dos outros seres vivos, visto que nós possuímos um nível de refinamento excepcionalmente grande desses dois processos. Devido à memória autobiográfica, sempre que acontece algum fato novo em nossas vidas, a consciência nos permite enriquecer o *self* com lembranças da nossa própria experiência. Com isso, inspiramos os acontecimentos novos com as alegrias e tristezas do passado, da mesma maneira que influenciemos nossa imaginação sobre o futuro. O nível elevado de consciência aliado com a memória são os causadores do drama humano. No entanto, esses dois extremos nos propiciam mais momentos de alegrias do que de tristezas. Em outras palavras, para vivermos uma vida feliz, é necessário obtermos os meios para resistir à angústia causada pelos momentos de sofrimento como a morte, por exemplo. De fato, a vida é um presente e a busca incessante pela felicidade deveria ser uma lei, não uma utopia (DAMÁSIO, 2004, p. 154).

Segundo Damásio (2004), a preservação e manutenção da vida advém da ideia de uma morte pré-anunciada, ou melhor, a compreensão de que temos a certeza que todos irão morrer algum dia provoca em nós uma necessidade por uma vida saudável e de qualidade. Além disso, o anúncio da morte interfere nas questões religiosas, como o medo que alguns têm de irem para o inferno, ou pelo menos aqueles que defendem a crença de uma vida após a morte. Porém, não iremos dar ênfase ao tema religião, uma vez que o objetivo desse trabalho tem enfoque no estudo da consciência e seus demasiados aspectos, assim como, o problema das relações mente-corpo (DAMÁSIO, 2010, p. 154).

Damásio (2004) nos apresenta a perspectiva de Espinosa em relação aos sentimentos negativos e os positivos. Espinosa defende a ideia de uma substituição de estímulos emocionais — como medo, raiva, ciúme, tristeza, etc.—, por estímulos que terão a capacidade de produzir mais sentimentos positivos do que negativos. Para Espinosa, segundo Damásio (2004), devemos nos concentrar na habilidade de lidar com as emoções negativas, procurando entender a sua causa e o quanto isso nos afeta; em seguida, devemos aumentar nossa disponibilidade para a criação de emoções positivas. Vê-se que Espinosa rejeita a tristeza e o medo e prioriza a alegria. Ele privilegia a vida e nos mostra que a emoção e os sentimentos de alegria são instrumentos para a transformação dessa vida, numa vida feliz e bem vivida. De acordo com Espinosa, esse processo se inicia e termina na natureza e está em conformidade com a imagem

do universo que a ciência continua desenvolvendo ao longo dos anos. Desta forma, Espinosa acredita que a recuperação do equilíbrio é um trabalho individual e privado, uma consequência que só pode ser obtida no momento em que o pensamento robusto e o raciocínio estabelecem a emoção e os sentimentos oportunos (DAMÁSIO, 2004, p. 78). Ainda sobre as emoções positivas e negativas, Damásio (2004, p. 78) nos diz:

Julgo que é possível dizer, com alguma confiança, que os sentimentos positivos e negativos são determinados pela regulação da vida. O sinal positivo ou negativo é conferido pela proximidade ou distância relativamente aos estados que representam uma regulação ótima da vida. A propósito, a intensidade dos sentimentos também está provavelmente ligada ao grau de correções que é necessário fazer nos estados ditos negativos e à medida que os estados ditos positivos excedem o nível homeostático necessário para a sobrevivência e traduzem uma regulação otimizada (Damásio, 2004, p. 78)

Nessa passagem, é possível observar que o pensamento dos dois filósofos se assemelha no que concerne à ideia de uma vida regada de sentimentos positivos e negativos para manter sua regulação, bem como é preciso se atentar para o grau dos sentimentos negativos e qual a sua intensidade para que possamos fazer os reparos necessários a fim de tornar os sentimentos positivos uma prioridade. Cada um desses dois sentimentos vai determinar o grau de dificuldade ou facilidade da regulação da vida, de acordo com sua intensidade.

Nesse contexto, Damásio (2004) vai falar de uma espécie de *mapas da alegria*; esses mapas têm a função de promover equilíbrio ao organismo. Porém, existem outros mapas que também constituem a base do estado mental, que são denominados mágoas, e, na definição de Espinosa, inclui os sentimentos negativos. Todavia, os estados de alegria são responsáveis pela perfeita coordenação fisiológica que tornam as operações da vida mais fáceis, promovendo uma maior capacidade de ação. Para Espinosa, a alegria traz perfeição para a funcionalidade do organismo; ao contrário, os mapas relacionados à tristeza trazem desequilíbrio funcional ao organismo, dificultando a ação e aumentando a propensão de doenças. E se os estados negativos não forem tratados adequadamente a doença prevalece podendo levar a morte (suicídio) (DAMÁSIO, 2004, p. 81).

Uma das características que propiciam o surgimento dos mapas da tristeza é a utilização de drogas, pois esses entorpecentes, que, por hora, causam picos de prazer, induzem, por outro lado, a mágoa e a depressão. O uso contínuo de drogas aumenta a probabilidade dos usuários de desenvolverem uma forte depressão, uma vez que o funcionamento normal da serotonina é afetado. No geral, os sentimentos são manifestações mentais responsáveis pelo equilíbrio do organismo, quer dizer, a harmonia e o desacordo que acontece no interior do corpo. Segundo

Damásio (2004), a alegria e a tristeza são expressões mentais, ideias do corpo que se relacionam com outros sentimentos, com o intuito de obter uma condição de vida melhor.

Grandes pesquisas publicadas ao longo dos anos revelam que, quando os indivíduos sofrem algum tipo de lesão no cérebro, principalmente em regiões responsáveis pelas emoções e sentimentos, esses indivíduos perdem a habilidade de administrarem sua vida em sociedade, além de perderem o seu domínio sobre a vida pessoal e financeira (DAMÁSIO, 2004, p. 82). Certos tipos de lesões cerebrais afetam o bem-estar desses indivíduos, tornando-os agressivos, passando de um indivíduo respeitado e admirado em sociedade, para um indivíduo incapaz de realizar as atividades que antes lhes era atribuída, não podendo mais efetuar o seu trabalho de forma eficaz e admirável. Sua condição financeira cai bruscamente ocasionando uma perda de estímulos considerável, que por sua vez, afetará o humor desse indivíduo causando um total desequilíbrio do seu organismo. Com todas essas frustrações causadas pela doença, a vida em família se torna cada vez mais difícil. Aqueles que fazem parte desse convívio passam por uma transformação sentimental também, com picos de emoções negativas mais intensos que podem causar um desequilíbrio no corpo. Damásio (2004) afirma que esse problema ocorre quando a lesão está situada numa parte específica do cérebro, o lóbulo frontal. Essa parte do cérebro, quando afetada, induz à mudança do comportamento social. Outros tipos de lesões podem acarretar a paralisia de um lado do corpo, como as lesões parietais; no entanto, não se trata essa dissertação dos demasiados tipos de lesões que podem afetar a regulação da vida, por isso, não darei enfoque a esse tema neste momento (DAMÁSIO, 2004, p. 83).

Todavia, é interessante notarmos que, segundo Damásio (2004), o problema das decisões dos lesionados não comprometem as suas ações cognitivas. A deficiência ocorre na emoção e no sentimento. Esses doentes têm total capacidade cognitiva de resolver determinados problemas práticos, mas não conseguem controlar suas emoções e sentimentos para a vida social, uma vez que a lesão provoca a diminuição ou até mesmo a ausência das emoções como, empatia, culpa, etc. De fato, as decisões tomadas sob essas circunstâncias têm resultados negativos, que influenciarão no futuro dos doentes e das pessoas que estão ao seu redor (DAMÁSIO, 2004, p. 84).

Com efeito, as ideias e projetos que fazemos para o futuro são tão importantes para nós que abrimos mão do prazer imediato para aceitarmos o sacrifício presente que refletirá num futuro bom. E todas as nossas aspirações para um futuro bom têm a influência dos sentimentos e emoções, sejam eles negativos ou positivos, são importantes para as nossas experiências sociais e equilíbrio da vida. Essa ação de planejar o futuro é essencial para que o indivíduo mantenha uma vida ativa, em constante interação com o ambiente e com a sociedade. E, com

isso, há uma maior preocupação em manter uma vida saudável para alcançar aquilo que se planeja para o futuro. Sendo assim, a regulação e manutenção da vida dependem das emoções e sentimentos, o equilíbrio do organismo vai depender das influências negativas e positivas. Cabe a nós buscar o equilíbrio entre esses dois extremos, o impacto na vida de cada um vai depender da intensidade dessas influências.

2.3 Mudanças no comportamento humano causadas por lesões cerebrais

Para elucidar ainda mais o conceito de consciência vamos a análise de alguns tópicos da obra de Damásio, intitulada *O mistério da consciência* (DAMÁSIO, 2000). Para Damásio (2000), a consciência se inicia — e aqui ele utiliza o termo *sentimento* —, como o sentimento do que ocorre no momento em que vemos, ouvimos e tocamos. Esse *sentimento* é acompanhado pela criação de algum tipo de imagem dentro do organismo vivo, seja ela qual for, visual, auditiva, tátil ou visceral. A partir do instante em que tomamos conhecimento de algo ou objeto, tomamos essas imagens como nossas, adquirindo um novo conhecimento sobre elas. Por certo, consciência é conhecimento e vice-versa, esses dois extremos estão interligados (DAMÁSIO, 2000, p. 60).

Existem diversas confusões em relação ao termo (consciência). O senso comum, por exemplo, confunde a consciência com a consciência moral. Ora, consciência moral e consciência são dissociáveis. Quando se fala de consciência estamos nos referindo ao conhecimento dos objetos ou a ação atribuída ao *self*. Ao contrário, consciência moral se refere ao bem ou mal em relação ao objeto ou ação; trata-se de um julgamento moral, e não um processo de *self*. Assim como existe uma dicotomia entre consciência moral e consciência, há também uma disparidade entre consciência e mente. A consciência é um processo da mente que está relacionado à manifestação do *self* e do conhecimento. A mente não é exclusivamente a consciência, posto que, existe mente sem consciência. E essa afirmação é baseada em pesquisas que revelaram pacientes que possuem uma, mas com a ausência da outra. Deveras, a consciência é um processo indispensável à mente humana, entretanto, não é sua totalidade (DAMÁSIO, 2000, p. 62).

A consciência, bem como os demais fenômenos cognitivos, carece de um estudo baseado sob perspectivas externas e internas. Em suma, todos aqueles que se dedicam ao estudo da consciência estão fadados a estudá-la por vias indiretas. Ainda que o acesso às imagens seja de modo subjetivo, isso não impede que elas sejam caracterizadas e dependam de uma natureza orgânica, nem impede que sejam feitas análises sobre essa natureza orgânica. Sem dúvida, todos os conteúdos mentais são subjetivos; cabe à ciência comprovar ou negar a veracidade

dessa subjetividade. De fato, a consciência ocorre dentro do organismo; não se trata um evento público, porém se relaciona com diversas manifestações públicas. E, conforme Damásio (2000), diante do que sabemos sobre a mente humana privada e no que concerne ao comportamento humano, é provável o estabelecimento de três vias de ligação: (i) as manifestações externas como a atenção, a vigília, as emoções e os comportamentos específicos; (ii) as manifestações internas, de acordo com os relatos do ser humano que estão se apresentando; (iii) e as manifestações internas que os observadores verificam, em si mesmos, em condições correspondentes àquelas do observado. Essas três vias permitem, aos cientistas, análises sobre estados humanos subjetivos de acordo com o comportamento externo desses indivíduos (DAMÁSIO, 2000, p. 166).

Por fim, para solucionar o problema do caráter privado da consciência é preciso atuar de modo natural, isto é, fazer uso da capacidade humana natural que nos permita observar os comportamentos dos outros, seu estado de espírito e seu estado mental (DAMÁSIO, 2000, p. 166). A partir daí, é possível fazermos a teorização desses estados subjetivos e a verificação análoga às experiências privadas. Sem dúvida, a linguagem tem um papel importante para a mente humana que lhe permitiu crescer no que diz respeito ao conhecimento, à inteligência e à criatividade, e fortaleceu a *consciência ampliada*², mas, segundo Damásio, nenhuma dessas habilidades tem a ver com a produção da *consciência central*³, e nem sequer com a produção da emoção ou percepção. É o que acontece com alguns indivíduos, após sofrerem lesões em partes específicas do cérebro, como os que apresentam um diagnóstico de afasia global, podem sofrer a ausência de linguagem. No entanto, a consciência desses pacientes permanece intacta, bem como a consciência de um indivíduo saudável, porém incapaz de expor seu pensamento através da linguagem e vice e versa (DAMÁSIO, 2000, p. 218-222).

Os processos cognitivos em geral, sofrem influência da *consciência central*, ainda que esta seja separável desses processos cognitivos. A *consciência central* nos propicia o foco e a intensidade da atenção e da memória operacional; é imprescindível para as operações normais de linguagem, e aumenta a nossa capacidade de resolver problemas, fazer planejamentos inteligentes e amplia a nossa criatividade (DAMÁSIO, 2000, p. 248).

² “Por outro lado, o tipo de consciência complexo, que denomino *consciência ampliada* e que possui muitos níveis e graus, fornece ao organismo um complexo sentido do *self* — uma identidade e uma pessoa, você ou eu — e situa essa pessoa em um ponto do tempo histórico individual, ricamente ciente do passado vivido e do futuro antevisto, e profundamente conhecedora do mundo além desse ponto”. (Damásio, 2000, p. 40-41)

³ “O tipo mais simples, que denomino *consciência central*, fornece ao organismo um sentido do *self* concernente a um momento — agora — e a um lugar — aqui. O campo de ação da *consciência central* é o aqui e agora. A *consciência central* não ilumina o futuro, e o único passado que ela vagamente nos permite vislumbrar é aquele ocorrido no instante imediatamente anterior. Não há outro lugar, não há antes, não há depois”. (Damásio, 2000, p. 40)

Certamente, somos indivíduos dotados de memória e inteligência, com aptidão para manipular fatos lógicos, com a ajuda ou não da linguagem, além de fazermos induções acerca desses fatos. Damásio afirma que a *consciência central* começa antes dessas pressuposições. Para Damasio, a *consciência central* “é o próprio fundamento, o sentido puro e simples de nosso organismo individual no ato de conhecer” (Damásio, 2000, p. 248).

As propriedades acima descritas foram todas fortalecidas pela *consciência central* e essas propriedades tiveram um papel importante para a estruturação da *consciência ampliada* sob o amparo da *consciência central*. De fato, o termo (consciência) designa os fenômenos mentais que permitem ao conhecedor formular ideias de qualquer objeto a partir de uma perspectiva de primeira pessoa. Essa perspectiva privada, a posse do pensamento individual e a condição de agente individual são peculiaridades primordiais da consciência central na contribuição do processo mental que ocorre no organismo. Desse modo, a essência da *consciência central* é o próprio sentimento de si, ou seja, no instante em que o indivíduo toma conhecimento da sua existência e da existência de outros (DAMÁSIO, 2000, p. 254).

Conforme Damásio (2000), se houver uma ausência da *consciência central*, exceto em casos como o sono ou anestesia, significa que há o indício de alguma doença. Se for uma ausência parcial, poderá ser considerada uma anomalia. No entanto, a falta do conhecimento e do *self* pode trazer riscos graves ao organismo, uma vez que, nessas condições, o indivíduo não reconhece a gravidade dos seus atos, assim como os pensamentos gerados por esses indivíduos são extraviados pela inexistência do *self*, como se o seu dono estivesse ausente. Consequentemente, o organismo enfraquecido não reconhece o verdadeiro dono de tais pensamentos (DAMÁSIO, 2000, p. 259).

Ora, ser agente do seus próprios pensamentos e atos exige que um corpo esteja em atividade no tempo e no espaço, pois não faria sentido algum se assim não o fosse. Independentemente da situação em que o nosso corpo se encontra, experienciamos esse instante sob o nosso ponto de vista e aqueles que estão ao nosso redor veem a situação corrente sob o ponto de vista deles, de acordo com a localização dos seus corpos. Determinadas situações acometidas ao nosso organismo fazem com que ele sofra alterações instantâneas, como, por exemplo, o medo. Sentimos medo quando estamos em uma situação de risco e rapidamente o nosso organismo reage, o intestino, o coração e a pele, dentre outros, sofre alterações provocadas pelo medo. Essas modificações que ocorrem no corpo acontecem “com a representação cerebral multidimensional do corpo-propriadamente-dito” (Damásio, 2000, p. 287) que já preexistiam ao acontecimento de algum episódio de medo e acontecem pela presença do *protossself* no organismo. Da mesma forma, aqueles que presenciam a ocorrência do perigo que

outra pessoa está vivenciando, também sofre alterações em seu *protossself* semelhantes à do indivíduo em questão. Esse processo se dá pelo fato de compartilharmos de um mesmo organismo, com os mesmos mecanismos sensitivos, como a retina, por exemplo (DAMÁSIO, 2000, p. 287).

Em suma, não seria possível evitar que o organismo seja afetado, principalmente no que concerne aos aspectos motores e emocionais, e esse processo está intrinsicamente ligado ao fato de se ter uma mente. Por outro lado, todas essas afecções não são suficientes para a instauração da consciência, pois ela só acontece quando obtemos conhecimento e esse conhecimento advém dos mapeamentos que fazemos da relação dos objetos com organismo.

2.4 Uma nova proposta teórica

Inegavelmente, é possível percebermos que, em todos os estudos sobre a consciência, os teóricos e especialistas afirmam que é um mistério e um desafio para a neurociência. É difícil achar uma definição para a consciência, se é que existe uma para este termo; o que existem são tentativas de explicação do que esse processo mental possa ser. Com Chalmers (2004) não é diferente. Vejamos o que ele tem a nos dizer a respeito desse mistério.

O filósofo defende que a consciência por muitos anos foi um assunto que os cientistas evitaram, já que suas pesquisas eram pautadas apenas na direção da objetividade das coisas. Chalmers (2004, p. 1) apresenta um novo tipo de teoria para a explicação da consciência. Ele diz que um dos problemas para compreendermos o que seja esse termo está na própria linguagem usada pelos pesquisadores, uma vez que eles usam a palavra (consciência) de várias maneiras diferentes.

Uma das questões levantadas por Chalmers (2004, p. 2) é a seguinte: como os processos físicos presentes no cérebro criam a experiência subjetiva? Este enigma tem a ver com o fator interno da percepção e do pensamento no referido modo que o sujeito sente as coisas. A todas as manifestações internas e sensitivas que o sujeito é acometido, Chalmers (2004, p. 2) vai denominar consciência. Esses fenômenos são, para ele, o legítimo mistério da mente. No entanto, existem fatos acerca da experiência consciente que não são explicados através de fatos físicos relativamente ao funcionamento do cérebro. A saber, não há um esclarecimento a despeito do porquê os processos físicos são amparados pela experiência consciente. Isto é, ainda que a experiência subjetiva pareça emergir de um processo físico, há um grande mistério sobre como ou porque isso acontece.

Desse modo, a partir do momento em que estamos conscientes, temos capacidade de agir de acordo com algo que esteja acontecendo ou falar sobre tal episódio. De fato, quando

existe informação disponível para a ação, ou seja, o ato de agir e a linguagem envolvidas neste contexto geralmente fazem parte de um processo consciente. Neste caso, a consciência exibe uma boa relação com o que Chalmers (2004, p. 7) entende por ‘estar ciente’ é o processo que torna a informação no cérebro disponível para que possamos realizar as funções motoras, como a própria linguagem e a atividade corporal.

A maior dificuldade que encontramos na tentativa de compreendermos a natureza da consciência está implícita no presente momento em que vivenciamos o mundo exterior, pois os processos de informação que obtemos a partir de alguma experiência inclui aspectos físicos e aspectos subjetivos. Se houvesse a possibilidade de uma explicação sobre como um ser experiência algo, teríamos a resolução do problema da consciência e seus mistérios.

Para Chalmers (2009, p. 265), as experiências sensitivas estão intrinsicamente ligadas às experiências conscientes. Quer dizer que podemos encontrar o mesmo formato de informação abstrata, tanto no processo físico quanto na experiência consciente. Essa afirmação também explica o motivo pelo qual a experiência emerge dos processos físicos sem reduzir-se a eles. Enfim, é notável que o filósofo Chalmers (2009, p. 266) traz em sua teoria da informação, uma importante contribuição para nos auxiliar no avanço dos estudos sobre a consciência.

Em contrapartida, Searle (1992, 2009,) propõe uma perspectiva diferente acerca do problema da consciência. De acordo com Searle (1992, 2009, p. 266), a consciência pode ser entendida como uma espécie de ‘noção mental central’, que pode ser esclarecida através da ciência e da filosofia: esses dois campos de estudo podem esclarecer o que são os fenômenos mentais. Todas as noções mentais independentemente de quais sejam elas, tais como, intencionalidade, subjetividade, identidade pessoal etc., que só podem ser entendidas como processos mentais através de explicações que têm relações com a consciência (SEARLE, 1992, 2009, p. 266).

Na perspectiva de Searle (1992, 2009, p. 266), a consciência é uma característica biológica do mundo; por esse motivo, ele salienta que a consciência deve ser estudada como um objeto de pesquisa da ciência empírica, assim como qualquer outro fenômeno biológico. Ademais, essa característica biológica pode ser encontrada tanto em seres humanos como em determinados animais. Mas nem todos os seres vivos possuem consciência. Ao contrário de alguns estudiosos da consciência, Searle (1992, 2009, p. 266) defende o naturalismo biológico, ou melhor, segundo Searle (1992, 2009, p. 266), a mente é oriunda de processos neurobiológicos, ou seja, consciência é uma propriedade emergente do cérebro e não considera que essa propriedade seja tão misteriosa como salienta outros pesquisadores. Também não recai sobre a teoria reducionista tão presente no materialismo contemporâneo. Contudo, Searle

(1992, 2009, p. 267) argumenta que, de fato, é difícil dar uma definição para a consciência que seja plausível, suficiente e necessária.

Há de se ter cuidado para que a consciência não seja confundida com a autoconsciência ou cognição. Para Searle (1992, 2009, p. 267), uma maneira para se explicar a consciência é por meio de exemplos, sendo assim, uma definição mais branda sem o risco de cometermos enganos quanto a sua definição. O ideal seria, conforme Searle (1992, 2009, p. 267), uma *definição de senso comum*, pois uma definição analítica tem o objetivo de se chegar na essência do conceito de algo a fim de defini-lo. Desta forma, a *definição de senso comum* seria mais adequada para o estudo da contemporaneidade da ciência e da filosofia. Searle (1992, p. 124) ilustra a *definição de senso comum* neste trecho:

O que quero dizer por “consciência” pode ser melhor ilustrado por exemplos. Quando acordo de um sono sem sonhos, entro num estado de consciência, um estado que permanece enquanto estiver acordado. Se durante o sono tenho sonhos, torno-me consciente, embora formas oníricas de consciência sejam geralmente de um nível muito mais baixo de intensidade e vividez do que a consciência desperta e ordinária. A consciência pode variar em graus mesmo durante as horas em que estamos acordados, como, por exemplo, quando passamos do estado bem desperto e alerta para a sonolência e o entorpecimento, ou simplesmente para o enfado e a desatenção. Algumas pessoas introduzem substâncias químicas em seus cérebros com o propósito de produzir estados alterados de consciência, mas mesmo sem assistência química é possível, na vida normal, distinguir diferentes graus e formas de consciência. A consciência é um interruptor liga/desliga: um sistema é consciente ou não. Mas, uma vez consciente, o sistema é um reostato: existem diferentes graus de consciência.

De acordo com Searle (1992, 2009, p. 267), a consciência tem três características essenciais e em conformidade com todos os estados conscientes. Ela é um fenômeno *interno*, *qualitativo* e *subjetivo*. O fenômeno *interno* denomina as atividades e estados conscientes que ocorrem dentro do cérebro e esses estados mentais conscientes envolvem uma vasta rede de outros estados conscientes. O fenômeno *qualitativo* designa a qualidade dos estados conscientes, isto é, na maneira como são sentidos. Por fim, o fenômeno *subjetivo* é responsável pela experiência individual, de primeira pessoa, do ser humano ou animal (SEARLE, 1992, 2009, p. 267).

Segundo Searle (1992, 2009, p. 268), a *subjetividade* é uma característica estrutural da consciência, visto que os estados conscientes só são possíveis por meio de um agente. Uma outra característica estrutural descrita por Searle (1992, 2009, p. 268) é a *unidade*, pois ela nos permite que tenhamos experiências únicas; ademais, a consciência tem a capacidade de unificar,

de modo coerente, todos os estímulos que chegam ao corpo por meio dos sentidos. Para o filósofo (SEARLE, 1992, 2009, p. 268), só é possível formular um pensamento coerente, se este estiver no âmbito único de consciência, unificado pela memória.

Basicamente, Searle (1992, 2009, p. 269) defende sua teoria a partir do pressuposto de que, a consciência é uma propriedade que emerge do cérebro e é formada por processos cerebrais e produzida na estrutura do mesmo. Por conseguinte, Searle (1992, 2009 p. 269) acredita que a consciência constitui um problema biológico que só pode ser analisado a partir de perguntas causais que relacionem processos cerebrais a seus aspectos psicológicos. E afirma que a consciência é um problema biológico e deve ser estudado pela ciência e pela filosofia.

Portanto, Searle (1992, 2009) e Chalmers (2004), apesar de apresentarem teorias divergentes acerca da consciência, muito contribuíram para os debates da Filosofia da Mente, Ciências Cognitivas e Ciências Naturais. Não podemos menosprezar nenhuma dessas duas teorias e as demais pesquisas sobre o problema. A teoria de Chalmers (2004) deve ser considerada porque suas ideias e problemas abordados em relação à consciência abrem um leque de possibilidades para refletirmos sobre o tema na busca por uma nova teoria na tentativa de buscar respostas as demasiadas questões que surgem sobre o termo. Já Searle (1992, 2009, p. 270) apresenta uma tentativa de fugir das confusões filosóficas referentes ao problema; porém, sem esse incômodo que a própria filosofia coloca, não seria possível a investigação do problema. No entanto, há de se considerar que, em sua teoria, Searle (1992, 2009, p. 272) deixa evidente que a consciência é importante para tudo o que fazemos, principalmente em relação à nossa sobrevivência, dado que a forma com que os seres humanos e alguns animais superiores lidam com o mundo é feita por meio de atividades conscientes. Com efeito, apesar de termos um vasto acervo teórico em auxílio aos estudos da consciência, ela ainda permanece misteriosa e carregada de problemas. Porém, no tocante a filosofia, só podemos formular bons argumentos e teorias através do surgimento de novos problemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que nos propusemos estudar a consciência, uma questão surge de tempos em tempos, e para a qual ainda não obtivemos um esclarecimento satisfatório, pois continuamos confusos em relação aos papéis desempenhados pelo cérebro em relação ao corpo — propriamente-dito, uma vez que, para que haja o processo de *self* — diante nossa compreensão, amparada pela perspectiva de Damásio — é necessário que tenhamos consciência de nós mesmos, ou seja, um *self* que nos permita saber que existimos e que estamos em constante interação com o ambiente. No livro *Em busca de Spinoza* (DAMÁSIO, 2004), Damásio trata do problema das relações entre mente e corpo sem os tratar como algo em separado, mas indagando questões como as que surgiram em meu pensamento, são elas: o cérebro é quem comanda todo o organismo? Que sentido têm a vida humana sem uma mente consciente em atividade?

Na verdade, parece-nos que um organismo vivo biologicamente, mas com ausência de atividade cerebral, perde o sentido de viver, pois não tem consciência de si mesmo ou um *self* que lhes permita vivenciar e experienciar as representações do mundo, incapaz de relatar aquilo que acontece em seu interior. O corpo pode existir biologicamente e sem um comandante para guiar suas próprias ações. O corpo, sem uma mente consciente, é um mero organismo vivo biologicamente que jamais saberá que existe ou sentira a presença daqueles que estão em seu entorno.

Portanto, nessa breve análise que fizemos, notamos que o estudo das relações entre mente, corpo, cérebro, consciência e suas especificidades é demasiadamente complexo.

A forma detalhada com que Damásio (1994, 2000, 2004, 2010) explicita suas ideias é de encher os olhos: ficamos fascinados no decorrer de alguns trechos em que mostra seu vasto conhecimento sobre determinados assuntos, descrevendo seus conceitos em exemplos esclarecedores. No momento, ainda não podemos falar com propriedade sobre nenhuma das duas obras, pois não as lemos completamente; no entanto, esse breve contato que obtivemos para a construção dessa monografia já nos proporciona uma noção do quanto as abordagens desse autor muito colaboram para a melhor compreensão do estudo da mente, corpo, consciência etc. Mas não excluimos a importância da pesquisa de outros gênios da filosofia, e das interdisciplinaridades que tem contribuído para o estudo dos termos relacionados a Filosofia da Mente e suas variadas vertentes.

Com este estudo sobre a consciência e seus diversos níveis, temos a intenção de trazer ao leitor uma abordagem que explicita muito bem a importância de voltarmos nossa atenção para este problema que perpassa gerações. A consciência é uma importante ferramenta do nosso organismo que nos proporciona uma melhor compreensão sobre o porquê das nossas ações cotidianas e o quanto essas ações afetam nossa vida e a vida dos demais que convivem em nosso meio.

A consciência é um termo complexo, sem definição e de difícil assimilação por uma grande parte da população, o que, por vezes, causa confusão quanto a exposição ou a tentativa de explicação do problema. O intuito desse trabalho é esclarecer através das perspectivas de Damásio, auxiliada pelas contribuições de Chalmers e Searle o quanto a compreensão equivocada da consciência pode afetar não só nossas relações pessoais, mas também a nossa saúde física e mental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANAL, Rodrigo. MORAES, João Antônio. Ensaio: Chalmers e Searle nos estudos da consciência: algum avanço? **Ciências & Cognição**, v. 14, n. 2, 2009.

CHALMERS, David. **O enigma da experiencia consciente**. 2004. Disponível em: <<http://criticanarede.com/docs/chalmers.pdf>>. Acesso em 23 set. 2019.

DAMÁSIO, A. R. **O Erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.

DAMÁSIO, A. R. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

DAMÁSIO, A. R. **Em busca de Espinosa**: prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.

DAMÁSIO, A. R. **E o cérebro criou o homem**: construindo a mente consciente. São Paulo, SP: Companhia das Letras. 2010.

SEARLE, John. **A Redescoberta da Mente**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1992.